



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS APLICADAS
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA

**COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E INCLUSÃO DIGITAL DE PESSOAS
IDOSAS: PERCEPÇÕES SOBRE O ACESSO E USO DA INFORMAÇÃO.**

Janaina Gomes de Lucena de Souza

Belém – PA
2025

Janaina Gomes de Lucena de Souza

**COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E INCLUSÃO DIGITAL DE PESSOAS
IDOSAS: PERCEPÇÕES SOBRE O ACESSO E USO DA INFORMAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso, no formato de artigo científico, apresentado à Faculdade de Biblioteconomia da Universidade Federal do Pará como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Biblioteconomia, sob a orientação do Prof. Dr. Hamilton Vieira de Oliveira.

Belém – PA
2025

Janaina Gomes de Lucena de Souza

**COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E INCLUSÃO DIGITAL DE PESSOAS
IDOSAS: PERCEPÇÕES SOBRE O ACESSO E USO DA INFORMAÇÃO.**

Trabalho de Conclusão de Curso, no formato de artigo científico, apresentado à Faculdade de Biblioteconomia da Universidade Federal do Pará como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Biblioteconomia, sob a orientação do Prof. Dr. Hamilton Vieira de Oliveira.

Data da aprovação: ___/___/___

Conceito: _____

Banca examinadora:

Prof. Dr. Hamilton Vieira de Oliveira - UFPA
Orientador

Profa. Dra. Maurila Bentes de Mello e Silva
Examinador

Bibliotecária Ma. Adélia de Moraes Pinto
Examidadora

RESUMO

O estudo investiga como os idosos buscam, acessam e utilizam a informação em contextos digitais. A pesquisa combinou levantamento bibliográfico e aplicação de questionário semiestruturado com 22 participantes em dois espaços de convivência. Os resultados indicam que o uso de tecnologias vai além de fins práticos, refletindo desejo de autonomia, inclusão digital, social e fortalecimento de vínculos afetivos. Evidencia-se que a competência em informação é elemento essencial para a cidadania ativa e a redução da exclusão informacional na terceira idade.

Palavras-chave: Competência em informação, informação, inclusão digital, idoso, Contextos digitais.

ABSTRACT

The study investigates how older adults seek, access, and use information in digital contexts. The research combined a bibliographic survey and a semi-structured questionnaire with 22 participants in two social spaces. The results indicate that the use of technologies goes beyond practical purposes, reflecting a desire for autonomy, digital and social inclusion, and the strengthening of emotional bonds. It is evident that information literacy is an essential element for active citizenship and the reduction of informational exclusion in old age.

Keywords: Information literacy, information, digital inclusion, elderly, Digital contexts.

1 INTRODUÇÃO

A população mundial está envelhecendo, e hoje no Brasil são consideradas pessoas idosas com 60 anos ou mais, conforme define a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2016). No cenário brasileiro, o número de pessoas idosas tem crescido de forma significativa, como comprova o censo de 2022, a população idosa chegou a 15,6% um aumento de 56,0% em relação a 2010, quando era somente de 10,8%, e há uma expectativa de que essa parcela continue a crescer significativamente nas próximas décadas, conforme indica o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022), tornando-se essencial o planejamento e implementação de políticas públicas que assegurem um envelhecimento digno e saudável.

A sociedade contemporânea tem se caracterizado por rápidas transformações tecnológicas, o que gera novos desafios relacionados à forma como os sujeitos buscam, acessam e utilizam a informação, embora o avanço tecnológico tenha ampliado o acesso à informação, também trouxe à tona desigualdades (Matos; Chagas, 2018).

Conforme afirmações de Varela (2006, p.18), a simples disponibilidade de informação já não é suficiente diante da imensa quantidade de conteúdos e fontes existentes. É necessário desenvolver competências que permitam selecionar, avaliar e organizar criticamente a informação, transformando-a em conhecimento. Nessa perspectiva, o diálogo entre profissionais da educação e da informação torna-se essencial para mediar o acesso e o uso consciente do conhecimento dessa sociedade contemporânea.

Nas pessoas idosas essa vivência com a informação e os meios digitais está associada a desafios como problemas de memória, dificuldades de concentração, ansiedade tecnológica, medo de errar e sentimentos de vergonha ou incapacidade, são fatores que impactam diretamente o processo de aprendizagem digital e o desenvolvimento da competência informacional. Essas barreiras, muitas vezes invisibilizadas nos discursos sobre letramento digital, revelam uma dimensão subjetiva que precisa ser compreendida e acolhida para que as estratégias de inclusão sejam, de fato, eficazes, pois para eles, acessar o mundo digital vem com uma carga de medos, receios e entusiasmo que exige deles ímpeto de conhecer, aprender e aplicar todo esse aprendizado.

Por isso, a inclusão digital para pessoas idosas não se resume somente a dificuldade de acesso às tecnologias, mas de saber como utilizá-las de forma eficaz. Muitos idosos são vistos como imigrantes digitais, um conceito criado por Prensky (2001). Ele descreve assim quem viveu a maior parte da vida sem tecnologia digital, geralmente os nascidos antes dos anos 1980, e só depois precisou se adaptar a ela, diferente dos mais jovens, que já cresceram com smartphones e internet por perto. Esse grupo foi um dos mais afetados e encontra dificuldades para lidar com o ambiente digital.

Nesse contexto, a competência informacional é essencial para ajudar as pessoas idosas a se adaptarem às novas tecnologias e a aproveitarem os benefícios que elas oferecem. Silveira (2019, p. 18) reforça essa abordagem explicando que a exclusão digital dificulta a diminuição da exclusão social, uma vez que quem não tem acesso às tecnologias digitais ou não sabe utilizá-las fica à margem dessas oportunidades. Assim, sem acesso à internet ou ao conhecimento necessário para usá-la, essas pessoas têm menos chances de participar plenamente da sociedade, conseguir emprego, estudar, expressar sua opinião ou mesmo acessar direitos básicos. Portanto, a inclusão digital é essencial para promover a igualdade social.

Com base no exposto, formulou-se a seguinte problemática: Como são as vivências e percepções de grupos da terceira idade na busca, acesso, uso da informação no contexto tecnológico?

E para responder a essa indagação, o objetivo geral concentrou-se em investigar como ocorre a busca, acesso, uso da informação em grupos da terceira idade em contexto digital. E os objetivos específicos foram: identificar dispositivos, frequência e domínio de uso de dispositivos tecnológicos vinculados a internet; verificar o uso de informações vinculadas às redes sociais e analisar as principais dificuldades enfrentadas no uso da internet na busca por informações.

2 COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

Conforme o Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (Michaelis, [s.d.]), alguns dos significados da palavra “informação” são: 1. Ato ou efeito de informar (-se), 2. Conjunto de conhecimentos acumulados sobre certo tema por meio de pesquisa ou instrução. 3. Explicação ou esclarecimento de um conhecimento, produto ou juízo; comunicação.

De acordo com Drucker (1999), conceitua-se informação como dados organizados e com significado, Miranda (1999) complementa esta definição afirmando que a informação é composta de dados organizados e com significados capazes de transmitir e auxiliar na tomada de decisões. Davenport (1998) completa a informação como um termo que engloba dados, informação e conhecimento, incluindo também a relação existente entre os dados e o conhecimento.

Em outras palavras, o termo informação refere-se a um conceito fundamental sobre dados ordenados e significativos, com possibilidades de compartilhar conhecimentos e ajudar na melhor alternativa de decisões. Pode ser entendida ainda, como o efeito da utilização prática de dados em um espaço específico, concedendo-lhe um significado possibilitando o entendimento de um fenômeno ou situação (Silva; Almeida, 2021).

A informação continua sendo essencial para a tomada de decisões, conforme argumento de Dudziak (2003) o que mudou foi a quantidade de informações e a velocidade que são disseminadas através da internet, muitas informações de uma mesma notícia saem no exato momento dos acontecimentos, o que traz a dificuldade em selecionar e reconhecer quais notícias são verdadeiras. Segundo Thompson (2018), os meios de comunicação não apenas informam, mas criam sentidos, participam da forma social e cultural das pessoas e de sua relação com o mundo, ele mostra que a informação é uma forma de poder e que compreender seu uso exige uma postura crítica. Sua visão aproxima-se da competência informacional, ao defender que as pessoas desenvolvam habilidades para avaliar e usar informações de modo consciente.

Um dos conceitos mais utilizados sobre a Competência em Informação (ColInfo) é o da American Library Association (ALA), que compreende como um conjunto de habilidades, atitudes e conhecimentos que permitem ao indivíduo reconhecer suas necessidades informacionais e ter habilidade para localizar, avaliar, utilizar de forma eficaz (ALA, 1998). Para Belluzzo, Kobayashi e Feres (2004), a ColInfo pode ser considerada como o conjunto de habilidades e ações que envolvem o acesso e uso da informação de forma inteligente, tendo em vista a necessidade da construção do conhecimento e a intervenção na realidade social.

A concepção de Competência Informacional (Information Literacy) teve origem nos Estados Unidos, na década de 1970, quando Paul Zurkowski, presidente

da *Information Industries Association*, apresentou informações conclusivas à *National Commission on Libraries and Information Science* dos Estados Unidos. Nesse documento, defendia que os cidadãos deveriam ser capacitados para usar a informação de forma eficiente, garantindo competitividade no mercado e fortalecendo a economia da informação (Campello, 2003).

Nos anos posteriores, a manifestação tomou proporções em discussões que destacaram temas como cidadania e responsabilidade social, sendo vista como critério para envolvimento ativo e engajamento nas tomadas de decisões nos dias atuais (Campello, 2003). Dessa forma, deduz-se que, desde o início, a competência informacional esteve vinculada tanto ao universo econômico quanto ao campo educativo.

Nas décadas de 1980 consolidou-se o movimento da educação de usuários em bibliotecas escolares, reforçado por diretrizes da American of School Librarians (AASL), dispostas no livro "*Information Power: Guidelines for School Library Media Programs*" e, posteriormente, revisado em 1998 "*Information Power: Building Partnerships for Learning*", o que foi fundamental para definir as dimensões da competência informacional: acesso, avaliação crítica e uso ético da informação (AASL, 1998). Nesse sentido o bibliotecário como um mediador, fortalece o papel pedagógico da biblioteca, ensinando e incorporando os sujeitos através do uso de perspectivas construtivas de aprendizagem.

O conceito evoluiu para um conjunto de habilidades cognitivas, críticas e éticas ligadas à informação, estruturadas em três dimensões principais: acesso, avaliação e uso. Autores como Bruce (1997) e Lloyd (2003) ampliaram sua compreensão para contextos sociais e culturais, superando a visão instrumental. A perspectiva de "aprender ao longo da vida" (Lifelong Learning) consolidou-se como um dos eixos centrais.

No Brasil, o debate iniciou-se com os estudos de Carregnato (2000) e Dudziak (2013), e Campello (2003) fez uma contribuição importante ao aproximar a competência informacional do conceito de letramento, muito presente na área da educação. Essa perspectiva abriu espaço para pensar em uma agenda de pesquisa mais conectada à realidade brasileira.

Na sociedade da informação, o termo letramento é uma habilidade primordial para a autonomia, cidadania e no exercício dos direitos sociais, políticos e econômicos (Dudziak, 2013), principalmente às populações vulneráveis como

peças idosas, que enfrentam não apenas dificuldades técnicas, mas também emocionais e cognitivas no que concerne o acesso e uso das tecnologias da informação.

2.1 Competências em informação dos idosos em contexto digital

Na era digital, o direito à informação se estende ao acesso às Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) (Ferreira; Dos Santos, 2023). A exclusão digital pode representar uma forma de violação indireta dos direitos previstos no Estatuto, pois impede o idoso de acessar serviços públicos, educação, saúde e canais de participação social. Esses direitos foram especificados no Estatuto da Pessoa Idosa e o Direito à Informação

Em relação ao Estatuto da Pessoa Idosa, foi estabelecido pela Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, no qual determinou os direitos fundamentais às pessoas idosas, com destaque ao direito à informação, que é um elemento essencial para o exercício da cidadania, autonomia e inclusão social. Principais artigos que fundamentam esse direito:

- Art. 3º do Estatuto normatiza a obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do poder público, garantir à pessoa idosa, com prioridade absoluta, a efetivação de direitos como educação, cultura, cidadania e liberdade, todos diretamente relacionados ao acesso à informação (Brasil, 2003).
- Art. 21 reforça que o poder público deve criar oportunidades de acesso à educação para idosos, incluindo conteúdos sobre comunicação, computação e avanços tecnológicos, promovendo sua integração à vida moderna (Brasil, 2003).
- O Art. 10 assegura à pessoa idosa o direito à liberdade, ao respeito e à dignidade, incluindo a liberdade de opinião e expressão, que pressupõe o acesso à informação como base para a formação de juízo crítico (Brasil, 2003).

Outra normativa que merece destaque é a Lei nº 12.965/2014, que estabelece os princípios no cumprimento para o uso da internet no Brasil, com apresentação dos principais pontos do Marco Civil da Internet. Além do que, é considerado o diploma constitucional da Internet brasileira, objetivando garantir um ambiente online mais seguro, plural e transparente. A saber:

- **Neutralidade da rede:** os fornecedores devem tratar todos os dados com sigilo, com igualdade, sem discriminação por conteúdo, origem ou destino.
- **Proteção da privacidade e dos dados pessoais:** zelar pelos dados dos usuários que só podem ser coletados mediante o consentimento livre, expresso e informado.
- **Liberdade de expressão:** garante o direito à manifestação de pensamento, respeitando os limites legais.
- **Responsabilidade dos fornecedores:** somente pelo conteúdo gerado por terceiros, exceto mediante ordem judicial.
- **Acesso universal à internet:** reconhece o acesso à internet como essencial ao exercício da cidadania.

O processo de envelhecimento é um fenômeno complexo e multidimensional, que envolve transformações físicas, psicológicas e sociais e requer novas abordagens na gestão da saúde e na formulação de políticas públicas (Veras, 2002). Entre as dimensões que acompanham esse processo, destacam-se as mudanças cognitivas que podem afetar o desempenho dos idosos em atividades de aprendizagem e no uso das tecnologias digitais.

Pesquisas apontam que o envelhecimento está frequentemente associado à redução da memória de curto prazo, à lentificação do processamento de informações e a dificuldades em manter a atenção concentrada, o que impacta diretamente na forma como os idosos interagem com ambientes digitais e nas suas estratégias de busca e uso da informação (Cachioni; Neri, 2008; Lima-Silva *et al.*, 2011).

Sob essa perspectiva, reitera-se que a inclusão digital para esse público não se reduz somente na dificuldade do acesso às tecnologias, mas na utilização eficiente e eficaz, com a prática da Colnfo que os ajudam na adaptação às novas tecnologias e nos benefícios que oferecem, uma vez que exige a superação de desafios e que ultrapassam a alfabetização digital (Vitorino; Piantola, 2011). Trata-se de um direito recente no campo educacional, relevante para todas as faixas etárias, com ênfase especial nas pessoas idosas, que muitas vezes enfrentam mais barreiras nesse processo (Cachioni *et. al.*, 2019).

2.2 Competência em informação como instrumento de empoderamento digital de idosos: estudo das transformações na autonomia cotidiana

Os idosos são conhecidos como imigrantes digitais, pois nasceram antes da explosão tecnológica, que ocorreu por volta de 1980. Muitos deles ainda enfrentam dificuldades para lidar com as ferramentas digitais, mas alguns transformam esses desafios em oportunidades de aprendizado. Por outro lado, há aqueles que preferem se manter distantes desse universo, não demonstrando interesse em aprender, são os leigos digitais (Prensky, 2001). Entre as pessoas idosas, a exclusão informacional é acentuada por fatores socioeconômicos e de gênero que dificultam o acesso e o uso das tecnologias.

Aliado a isso, Carvalho *et al.* (2025) destacam que para se atingir a autonomia digital se faz necessário o desenvolvimento de habilidades cognitivas, sociais e técnicas para trabalhar com o volume, a complexidade e a confiabilidade dos dados disponíveis e não somente o acesso à informação.

Entende-se, portanto, que os desafios do acesso às tecnologias, torna-se uma dificuldade no desenvolvimento de habilidades digitais, que são causados por muitos fatores que vão desde o meio que convivem, até sua posição social, tornando o acesso mais distante da realidade de cada um.

Sobre essa afirmação, é pertinente dizer que o envelhecimento tem características e formas diferentes para cada indivíduo, no entanto, o que é específico é a redução das habilidades sensoriais, cognitivas e emocionais, que interferem diretamente no uso das tecnologias, o que os coloca em situação de vulnerabilidade informacional (Cáceres; Chaparro, 2019).

O levantamento bibliográfico contextualiza que sentimentos como medo, vergonha, ansiedade tecnológica e insegurança são comuns entre as pessoas idosas ao lidar com tecnologias digitais (Franco *et al.*, 2025). Esses fatores emocionais impactam diretamente na capacidade de busca e apropriação da informação.

Na era da informação, as habilidades de buscar, selecionar, interpretar e aplicar dados de forma crítica tornam-se essenciais. A competência em informação (ColInfo) compreende o conjunto de saberes e práticas que permitem ao indivíduo reconhecer suas necessidades, acessar conteúdos e utilizá-los de modo ético e socialmente responsável. Segundo Belluzzo (2018), essa competência envolve

dimensões técnicas, éticas e políticas, favorecendo a autonomia, o pensamento crítico e a tomada de decisões fundamentadas.

A ColInfo emerge como uma resposta à sobrecarga informacional oriunda das transformações tecnológicas a partir da década de 1970, sendo entendida como um conjunto de habilidades, atitudes e valores voltados ao uso crítico da informação (Campello, 2003). Ela visa, segundo Vitorino e Piantola (2011), impulsionar o uso responsável, inovador e salutar da informação, colaborando para o empoderamento pessoal, a liberdade e a cidadania.

Lucca e Vitorino (2019) propõem critérios que determinam a construção da Coinfo em pessoas idosas, com suporte em princípios como senso crítico, responsabilidade social e protagonismo.

Nesse sentido, práticas formativas voltadas ao público idoso devem contemplar aspectos de acessibilidade, acolhimento e escuta ativa. Kohler e Moraes (2025) ressaltam que a ColInfo em idosos é um tema ainda pouco explorado na Ciência da Informação. Assim, a promoção da competência informacional na velhice tem o potencial de fomentar o envelhecimento ativo, o bem-estar e a participação cidadã.

2.3 Barreiras cognitivas e emocionais na aprendizagem digital de idosos

Kuhlthau (1991), ao desenvolver seu modelo sobre o processo de busca da informação, destaca a dimensão afetiva da experiência informacional. Segundo ela, sentimentos como incerteza, frustração ou alívio acompanham as etapas da busca e precisam ser considerados em qualquer ação educativa. Aplicando esse modelo à pessoa idosa, é possível compreender como o acolhimento emocional e o suporte afetivo são fundamentais na superação das barreiras.

Além das questões cognitivas, barreiras emocionais também exercem grande influência na aprendizagem: medo de errar, ansiedade tecnológica, vergonha de pedir ajuda e crença de que não é mais tempo de aprender, são frequentemente relatados (Franco *et al.*, 2025), logo, abordar tais desafios é primordial para garantir que essa população possa aproveitar com sucesso os benefícios da tecnologia.

Por fim, investir na competência em informação da pessoa idosa é contribuir na construção de uma sociedade mais justa, participativa e democrática. Isso implica desenvolver estratégias educativas intergeracionais, políticas públicas direcionadas

e programas formativos que levem em conta as especificidades desse público. Somente assim será possível garantir que o envelhecimento, além de ativo, seja também informado, crítico e emancipador.

Portanto, formar pessoas idosas competentes em informação não se trata apenas de ensinar a usar tecnologias ou acessar dados, mas de promover o empoderamento pessoal, a cidadania ativa e o enfrentamento das desigualdades informacionais e sociais (IFLA, 2005; Hatschbach; Olinto, 2008).

3 METODOLOGIA

Para elaboração deste trabalho foi feito um levantamento bibliográfico de artigos, com os seguintes descritores: “pessoas idosas”; “tecnologias de informação e comunicação”; “competência informacional”. A maioria das pesquisas requer um estudo bibliográfico para sustentar teoricamente seus projetos, fornecendo as bases conceituais necessárias à compreensão do tema e à construção dos objetivos de investigação (Bello, 2009). Nesse sentido, o embasamento teórico é fundamental também para a elaboração das questões de pesquisa, articulando-se com uma abordagem qualitativa e de natureza básica, voltada à análise interpretativa dos dados (Prodanov; Freitas, 2013).

A pesquisa utilizou abordagem qualitativa, de natureza básica, fundamentada em levantamento bibliográfico e pesquisa de campo. Aplicou-se questionário semiestruturado com 13 perguntas com uma coleta rápida e interativa, para 22 pessoas idosas em dois espaços: a Clínica de Hemodiálise Monteiro Leite e a Escola Supera – Ginástica do Cérebro, em Belém (PA). Os dados foram coletados em julho de 2025, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

4 DISCUSSÃO E ANÁLISE

A pesquisa contou com a participação de 22 idosos, sendo 10 da Clínica de Hemodiálise Monteiro Leite e 12 do Curso Supera – Ginástica do Cérebro, representando o quantitativo total de pacientes vinculados a esses locais.

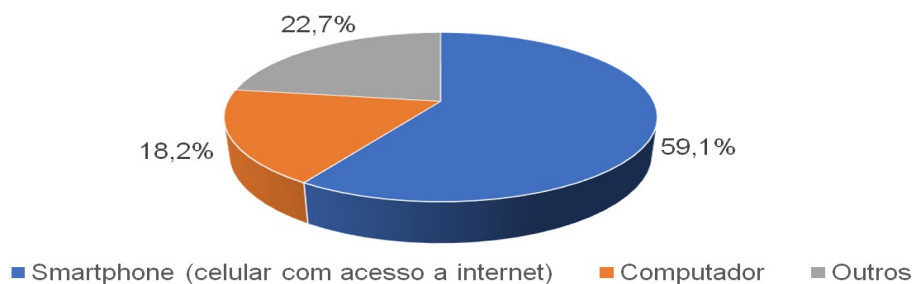
Tabela 1 – Características sociodemográficas

Perfil	Nº	Porcentagem
Gênero		
Feminino	17	77,3
Masculino	05	22,7
Idade		
Entre 60 e 70 anos	13	59,1
Acima de 70 anos	9	40,9
Nível de escolaridade		
Ens. Fundamental incompleto	03	13,6
Ens. Médio completo	04	18,2
Ens. Médio incompleto	04	18,2
Ens. Superior	08	36,4
Outros	03	13,6
Moradia		
Com esposas e filhos	08	36,4
Moram sozinhos	03	13,6
Moram com outros parentes	11	50,0

Fonte: elaborado pela autora (2025).

A maioria dos participantes é do sexo feminino, cerca de 77,3%, com faixa etária concentrada entre 60 e 70 anos com 59,1% e convivem com vários parentes. Os níveis de escolaridade variam do ensino fundamental ao médio, havendo uma maioria com ensino superior completo, cerca de 50%. Esse perfil não está em consonância com os dados nacionais, que apontam para um baixo índice de idosos com escolaridade avançada, conforme pesquisas do SESC/SP e da Fundação Perseu Abramo (2020).

Gráfico 1 – Teste de dispositivos que possuem e/ou sabem manusear



Fonte: elaborado pela autora (2025).

Sobre o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), verificou-se que 59,1% dos participantes fazem uso frequente de smartphones como principal dispositivo de acesso, seguidos por computadores e outras ferramentas tecnológicas.

Dados recentes do IBGE (2023) indicam o celular como dispositivo mais utilizado para acessar a internet por quase todos os brasileiros, incluindo idosos – uso do celular como meio de acesso atingiu 98,8% em 2023 na população com 10 anos ou mais. O microcomputador e outros equipamentos tecnológicos aparecem em posições secundárias nesse panorama.

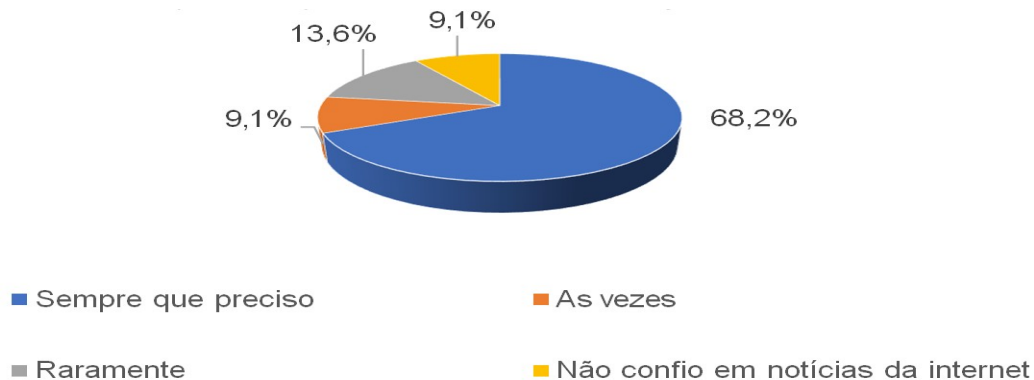
Gráfico 2 – Domínio de uso dos dispositivos tecnológicos



Fonte: elaborado pela autora (2025).

Quanto ao domínio de uso dos dispositivos tecnológicos, houve a utilização expressiva de 54,5% dos participantes, que no geral, não pedem ajuda a terceiros quando vão utilizar, enquanto 31,8% sempre pedem ajuda a outras pessoas e 13,8% expressaram que não tiveram interesse em utilizar.

Gráfico 3 – Frequência na busca de informações na internet



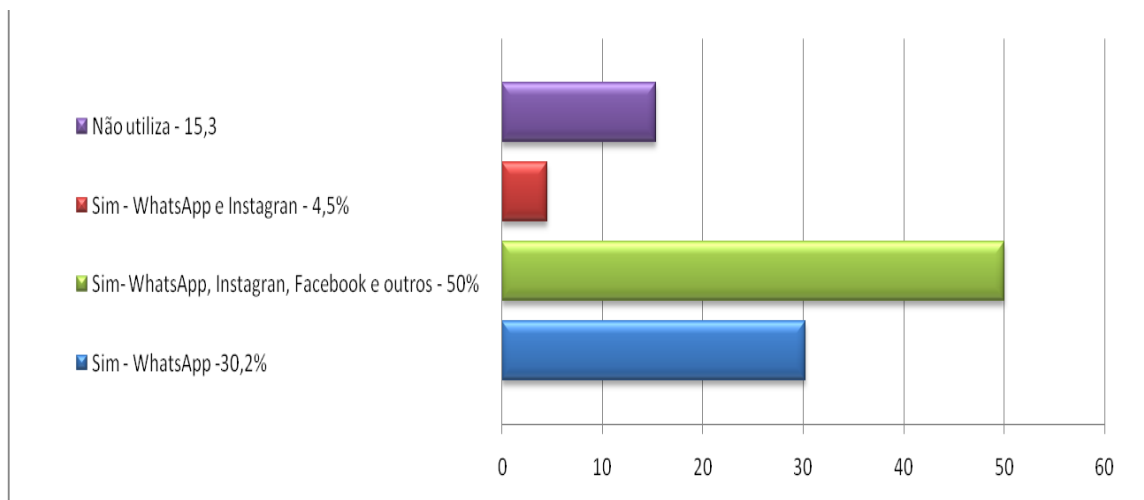
Fonte: elaborado pela autora (2025).

No que se refere a frequência por buscar informações na internet, os dados indicam que 68,2% utilizam sempre que precisam, o que denota uma apropriação significativa das ferramentas digitais como meio de acesso ao conhecimento.

Esse comportamento sugere que a internet, especialmente por meio dos dispositivos móveis, tornou-se uma fonte primária de consulta, aprendizado e resolução de dúvidas cotidianas.

Silva e Almeida (2021), apontam que o uso frequente da internet potencializa a independência no acesso a informações atualizadas e diversificadas, pois o engajamento digital para fins informacionais tem aumentado significativamente entre diferentes faixas etárias, favorecendo a inclusão social e a participação cidadã. Ademais, (Ferreira; Dos Santos, 2023)..

Gráfico 4 –. Redes sociais utilizadas pelos participantes

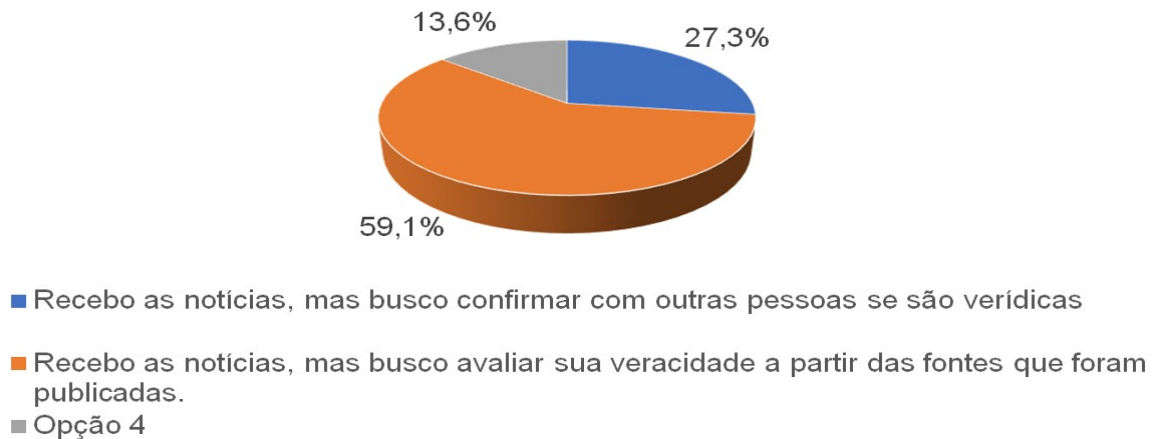


Fonte: elaborado pela autora (2025).

Quanto às redes sociais que os participantes utilizam, 50% relataram WhatsApp, Instagram, Facebook e outros, o que mostra uma familiaridade crescente com plataformas de interação digital e comunicação em tempo real.

Esse dado evidencia que as pessoas idosas da amostra não apenas acessam conteúdos informativos, mas também estão inseridos em ambientes virtuais de socialização, conforme destacam Lima e Rocha (2021)., o uso frequente de redes sociais pode favorecer o senso de pertencimento e a integração social, especialmente entre grupos que antes apresentavam certo distanciamento das tecnologias digitais.

Gráfico 5 – Notícias que circulam na internet



Fonte: elaborado pela autora (2025).

A checagem de veracidade das notícias mostrou-se um pouco limitada, pois 59,1%, a maioria dos participantes não verifica a autenticidade das informações recebidas, muitos se mostram atentos somente a data da publicação. Entre os que checam, 27,3% a estratégia predominante foi perguntar a pessoas próximas ou comparar a notícia com outras fontes.

Esse dado confirma a importância do papel da mediação da informação, já que a ausência de práticas críticas aumenta a vulnerabilidade frente à desinformação, como destacam Kuhlthau (1991) e Farias e Belluzzo (2017).

Esse cenário de transformação contínua, marcado pela introdução acelerada de novas ferramentas digitais, amplia a sensação de insegurança e incapacidade entre as pessoas idosas menos familiarizadas com essas tecnologias. A presença da Inteligência Artificial, por exemplo, embora traga avanços significativos, também suscita desconfiança quanto à privacidade, à autonomia dos sistemas e ao impacto na vida cotidiana (Carvalho *et al.*, 2025).

Inicialmente, optou-se pela realização de uma pesquisa bibliográfica como metodologia, em razão das demandas profissionais e da limitação de tempo disponível. No entanto, a partir das orientações recebidas, reconheceu-se a relevância do aprendizado proporcionado pela experiência prática, especialmente considerando que, tanto no ambiente de trabalho quanto na escola onde a pesquisa foi desenvolvida, o público predominante é composto por pessoas idosas.

Atuando no setor administrativo, já conhecia muitos pacientes pelo nome, mas a aplicação dos questionários, possibilitou uma compreensão mais aprofundada de suas realidades, revelando como o tema da informação os afeta de maneiras

distintas. Através dos relatos e depoimentos, tornou-se evidente o quanto a falta ou o excesso de informações exercem impactos significativos na vida dessa população.

Durante o processo descobriu-se que muitos desses idosos desejam aprender e se esforçam para dominar o uso das novas tecnologias, buscando atualizar-se e demonstrar às suas famílias que estão dispostos a acompanhar as transformações do mundo digital. No entanto, é essencial que os familiares tenham atenção e paciência, auxiliando-os nesse processo de aprendizado e inclusão.

Analisando as respostas obtidas no questionário, percebi que muitos comentários, perguntas e desabafo revelaram um pouco sobre a relação que esses idosos estabelecem com o acesso à informação — e, em alguns casos, com a desinformação. Suas experiências me ajudaram a compreender melhor como eles vivenciam esse processo, suas dificuldades, medos e também fatos que marcaram seu contato (ou afastamento) do mundo digital.

De modo geral, os participantes com maior escolaridade demonstraram utilizar a internet de maneira mais proveitosa, tirando dela informações, vendo e criando conteúdo, aprendendo sobre o uso de novas ferramentas e buscando conhecimento para aprimorar sua rotina e qualidade de vida.

Por outro lado, alguns idosos expressaram aversão à internet, relatando não se sentirem à vontade nesse ambiente, que consideram perigoso, confuso e, por vezes, enganoso. Alguns relataram ter sido vítimas de golpes virtuais, o que resultou em perdas financeiras e na consequente desconfiança em relação às plataformas digitais. Esses episódios foram mais frequentes entre os participantes com menor escolaridade e menor familiaridade tecnológica, embora também tenham ocorrido, de forma pontual, e entre idosos com maior escolaridade.

Um dos relatos curioso foi o de uma participante idosa que demonstrou entusiasmo ao afirmar possuir “vários seguidores”, variando entre vinte e trinta e oito. Ao ser questionada sobre a rede social utilizada, explicou que se referia às visualizações das fotos publicadas em seu status do WhatsApp. Observou-se que, de maneira simples e espontânea, a participante associava o número de visualizações ao conceito de seguidores, atribuindo valor simbólico a esse engajamento. Mesmo após a explicação sobre a diferença entre as plataformas, manteve sua própria interpretação, expressando satisfação e orgulho em compartilhar suas publicações.

Outro caso marcante foi o de um idoso que, ao saber que a pesquisa fazia parte da conclusão do meu curso de Biblioteconomia, comentou que nunca havia visitado uma biblioteca e que sequer sabia como chegar a uma. Contou-me que estudou pouco e que, na escola onde estudou, não havia biblioteca. Mas falou todo contente que sua esposa tinha estudado mais e conhecia uma biblioteca, ela que estava ao meu lado acrescentou que isso acontecera há muito tempo, quando cursava a terceira série, antes de se mudar para o interior e abandonar os estudos. Observou-se que os idosos associam as bibliotecas a espaços infantis ou escolares, o que indica a necessidade de ampliar o entendimento social sobre seu papel como ambiente de aprendizado contínuo.

Houve também o relato de uma idosa que gosta de compartilhar momentos de seu cotidiano no Instagram. Disse ter poucos seguidores, basicamente amigos e familiares, mas afirmou sentir-se feliz quando suas postagens recebem comentários, pois entende essas interações como demonstrações de atenção e afeto.

Entre os relatos obtidos, destacou-se um depoimento particularmente significativo, que evidenciou como a tecnologia, em determinados contextos, pode contribuir para o distanciamento nas relações interpessoais. Durante a entrevista, um participante afirmou não apreciar o uso das novas tecnologias. Mesmo após a apresentação de possíveis benefícios, manteve sua posição contrária. Ao ser questionado sobre os motivos, relatou que, anteriormente, seus filhos o visitavam com frequência, especialmente em períodos de férias e feriados. Contudo, quando ganhou um celular com chamadas de vídeo, essas visitas tornaram-se menos recorrentes, sob a justificativa de que a comunicação virtual já seria suficiente para garantir contato e acompanhamento. O participante expressou sentimento de solidão ao relatar que, antes, “era preciso ver para crer”, mas que, atualmente, o contato mediado por telas substituiu a presença física.

Os relatos analisados indicam que o acesso à informação não se limita a mera disponibilidade de conexão com a internet, abrangendo um conjunto de fatores sociais, educacionais e emocionais que influenciam a relação das pessoas idosas com as tecnologias. A compreensão dessa dinâmica revela-se essencial para identificar os desafios enfrentados por esse grupo etário na busca por informações seguras e relevantes em um contexto cada vez mais digitalizado.

Em suma, as ideias centrais extraídas apontam para quatro eixos principais:

a) a necessidade de informação voltada ao cotidiano (saúde, lazer, notícias e redes sociais):

b) a busca de informação como instrumento de autonomia e empoderamento;

c) a interação social como espaço privilegiado de troca de saberes;

d) as dificuldades cognitivas e emocionais como barreiras no processo da aprendizagem digital.

Esses resultados reforçam que a competência em informação, para o público idoso, não pode ser compreendida apenas sob a perspectiva técnica do uso de dispositivos, mas deve considerar dimensões sociais, culturais e afetivas que impactam diretamente sua autonomia e participação cidadã.

5 CONCLUSÃO

O estudo possibilitou compreender de que maneira as pessoas idosas, em diferentes contextos, acessam, utilizam e compartilham informações por meio das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Os resultados indicaram que, embora os avanços tecnológicos tenham ampliado as oportunidades de inclusão digital, persistem obstáculos que limitam a consolidação da competência informacional nessa faixa etária, tornando – os mais suscetíveis à desinformação,

A análise dos dados revelou que a confiança em familiares, amigos e profissionais continua sendo a principal estratégia de validação da informação, que o interesse pelo uso da tecnologia não se restringe a fins práticos, mas envolve desejo de autonomia, inclusão social e fortalecimento de vínculos afetivos.

Conclui-se que o desenvolvimento da competência em informação entre pessoas idosas é decisivo para promover inclusão digital e cidadania ativa. Apesar dos avanços tecnológicos, persistem barreiras cognitivas, emocionais e estruturais que dificultam a apropriação crítica da informação. Reforça-se, assim, a necessidade de políticas públicas e programas educativos intergeracionais que considerem as especificidades desse público e valorizem sua autonomia informacional

REFERÊNCIAS

- AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION (ALA). A progress report on information literacy: an update on the American Library Association Presential Committee on Information Literacy: Final Report. [S.l.], 1998. Disponível em: <http://www.infolit.org/documents/progress.html>. Acesso em: 26 ago. 2025.
- BELLO, J. L. P. **Metodologia científica**: manual para elaboração de monografias. Rio de Janeiro: UVA, 2009.
- BELLUZZO, R.C.B. **A competência em informação no Brasil**: cenários e espectros. São Paulo: ABECIN Editora, 2018.
- BELLUZZO, Regina Célia Baptista; KOBAYASHI, Marcia; FERES, Geiza G. **Competência em informação**: uma proposta para o ensino de graduação. São Paulo: PUC-Campinas, 2004. p. 87.
- BRASIL. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto da Pessoa Idosa e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília**, DF, 3 out. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/10.741.htm. Acesso em: 26 ago. 2025.
- BRUCE, C. **Seven faces of information literacy**. Adelaide: AUSLIB Press, Adelaide, South Australia, 1997. Disponível em: <http://www.christinebruce.com.au/informed-learning/seven-faces-of-information-literacy-in-highereducation/>. Acesso em: 27 ago. 2025.
- CÁCERES, R.B; CHAPARRO, A.C. Age for learning, age for teaching: the role of inter-generational, intra-household learning in Internet use by older adults in Latin America. **Information, Communication & Society**, v. 22, n. 2, p. 250-266. 2019.
- CACHIONI, M., *et al.* Aprendizagem ao longo de toda a vida e letramento digital de idosos: um modelo multidisciplinar de intervenção com o apoio de um aplicativo. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, v.16, n. 1, p. 18-24, 2019.
- CACHIONI, M.; NERI, A. L. **Cognição, plasticidade e envelhecimento**. Campinas: Alínea, 2008.
- CAMPELLO, B. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 32, n. 3, 2003. Disponível em: <http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/26/21>. Acesso em: 27 ago. 2025.
- CARVALHO, A. C. M. *et al.* Competências em informação e digitais necessárias para atuação em ambientes digitais. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 30, fluxo contínuo, 2025: e-53087.
- DAVENPORT, T. **Ecologia da informação**: por que só a tecnologia não basta para o sucesso na era da informação. São Paulo: Futura, 1998. 316p.

DUDZIAK, E. A. Bibliotecário como agente multiplicador da competência informacional e midiática. *In*: BELLUZZO, R. C. B.; FERES, G. G. (org). **Competência em informação: de reflexões às lições aprendidas**. São Paulo: FEBAB, 2013. p. 209-224.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. **Information Literacy: princípios, filosofia e prática**. *Ciência da Informação*, v. 32, n. ja/abr. 2003, p. 23-35, 2003 Tradução. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-19652003000100003>. Acesso em: 26 ago. 2025.

DRUCKER, P. **Desafios gerenciais para o século XXI**. São Paulo: Pioneira, 1999. 168p.

FARIAS, G. B.; BELLUZZO, R. C. B. **Competência em informação: perspectiva didática pedagógica**. *Informação & Informação*, v. 22, n. 3, 2017

FERREIRA, R. F.; DOS SANTOS, L. A. Z. O direito de acesso à internet na promoção da cidadania e dos direitos humanos no pós-pandemia no Brasil. **Revista Contemporânea**, [S. l.], v. 3, n. 9, p. 15933–15954, 2023. DOI: 10.56083/RCV3N9-130. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/1770>. Acesso em: 13 ago. 2025

FRANCO, S. B. *et al.* Letramento digital e tecnologias digitais de informação e comunicação (TICs) no cotidiano das pessoas idosas: revisão de escopo. **Revista Aracê**, São José dos Pinhais, v. 7, n. 4, p. 18447-18471, 2025.

HATSCHBACH, M. H. de L.; OLINTO, G. Competência em informação: caminhos percorridos e novas trilhas. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, Nova Série, São Paulo, v.4, n.1, p. 20-34, jan./jun. 2008.

INFORMATION LITERACY SECTION (IFLA). 2005. Disponível em: <https://www.ifla.org/units/information-literacy/>. Acesso em: 26 ago. 2025.

INFORMAÇÃO. *In*: **Dicionário da Língua Portuguesa**. Michaelis. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca/palavra=informacao>. Acesso em: 26 set. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Crescimento da população idosa traz desafios para a garantia de direitos**. Brasília, DF: Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, 5 out. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/10/crescimento-da-populacao-idosa-traz-desafios-para-a-garantia-de-direitos>. Acesso em: 27 ago. 2025.

KOHLER, M; MORAES, M.F. Competência em Informação da pessoa idosa: perspectivas e tendências em estudos científicos. **Brazilian Journal of Information Science: Research Trends**, v. 19, fev. 2025, p. e025006.

KUHLTHAU, C. C. Inside the search process: information seeking from the user's perspective. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 42, n. 5, p. 361-371, 1991.

LIMA, R; ROCHA, J. Redes sociais e inclusão digital: a nova sociabilidade em ambientes virtuais. **Revista Brasileira de Comunicação e Tecnologias**, v. 6, n. 2, p. 89–104, 2021.

LIMA-SILVA, T. B.; YASSUDA, M. S.; NERI, A. L. **Treino cognitivo e envelhecimento saudável**: aplicações clínicas e educativas. São Paulo: Vetor, 2011.

LLOYD, A. Information literacy: the meta-competency of the knowledge economy?: an exploration paper. **Journal of Librarian ship and Information Science**, Reino Unido, v. 35, n. 2, p. 87-92, jun. 2003.

LUCCA, D. M.; VITORINO, E. V. Competência em informação e necessidades de informação de idosos: o papel do profissional da informação nesse contexto. **Informação & Informação**, v. 24, n. 1, p. 458-483, 2019.

MATOS, F. A. M. de.; CHAGAS, G. J. do N. Desafios para a inclusão digital no Brasil. **Perspectivas em Ciências da Informação**, v. 13, n. 1, p. 67-94, 2018.

MIRANDA, R. O uso da informação na formulação de ações estratégicas pelas empresas. **Ciência da Informação**, v. 28, n. 3, p. 286-292, 1999.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde**. Rio de Janeiro: OMS, 2016. Disponível em: [<https://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>]. Acesso em: 26 de ago. 2025.

PRENSKY, M. Digital Natives, Digital Immigrants. **On the Horizon**, Bradford, v. 9, n. 5, p. 1–6, 2001.

PRODANOV, C.C; FREITAS, E.C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Universidade Feevale: Novo Hamburgo, 2013.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO (SP); FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. **Pesquisa Idosos no Brasil – 2.ª edição 2020: Perfil Sociodemográfico**. São Paulo: SESC-SP; FPA, 2020.

SILVA, J; ALMEIDA, M. Autonomia digital e acesso à informação: desafios e oportunidades. **Revista Brasileira de Tecnologia e Sociedade**, v. 5, n. 2, p. 45-60, 2021.

SILVEIRA, S.A. Economia da Cultura Digital. *In*: SAVAZON, R; CONH, S. (orgs). **Cultura Digital**. Rio de Janeiro: Beco do Azougeu, 2019. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/site/wpcontent/uploads/2009/09/culturadigital-br.pdf>. Acessado em: 26 ago. 2025.

THOMPSON, J.B **A mídia e a modernidade**: Uma teoria da mídia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

VARELA, A. V. A explosão informacional e a mediação na construção do conhecimento. *In*: MIRANDA, A.; SIMEÃO, E. (orgs.) **Alfabetização digital e acesso ao conhecimento**. Brasília: UnB, Departamento de Ciência da Informação e Documentação, 2006. p.15-32.

VERAS, R. **Terceira idade**: Gestão contemporânea em saúde. Rio de Janeiro: Editora Relume-Dumará, 2002.

VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela. Dimensões da competência informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 40, n. 1, p. 99-110, jan./abr., 2011.